

TENREIRO, Francisco; ANDRADE, Mário Pinto de (Org.). *Poesia negra de expressão portuguesa*. Vila Nova de Cerveira: Nóssomos, 2012. 20p.



O caderno de *Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, publicado em 1953 e assumindo-se como a primeira manifestação da negritude nas literaturas africanas de língua portuguesa, conheceu uma edição fac-similada, assinalando os seus sessenta anos. Envolvido numa sobrecapa preta com vinheta e arranjo gráfico de António Domingues, inclui, numa das orelhas, um breve texto introdutório de Luis Kandjimbo intitulado “O Carácter Legitimador do Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa”, onde se defende a importância da publicação em 1953 como “um dos momentos genéticos do processo da disciplinarização” das literaturas africanas de língua portuguesa.

Organizado pelo angolano Mário Pinto de Andrade e pelo santomense Francisco José Tenreiro, em Lisboa, por ação do Centro de Estudos Africanos fundado dois anos antes, o caderno de vinte páginas advoga a confluência de uma afirmação e reivindicação de uma postura ideológica entre os negros de África e os da América, seguindo o movimento da Negritude desencadeado pelos artistas de, entre outros países, Haiti, Cuba, Estados Unidos e Martinica (de onde era natural Aimé Césaire, o poeta que usou o termo “Négritude”, que passou a designar o movimento). De uma forma geral, o movimento não pretendia negar o valor das culturas europeias, mas questionar e mitigar a sua dominação sobre as culturas de origem africana motivada pelos colonialismos.

O texto introdutório de Mário Pinto de Andrade não deixa dúvidas no que diz respeito à sua filiação no movimento. Começando por caracterizar a poesia tradicional como dependente da vida da comunidade – que a motivava e legitimava – e constatando a ameaça que sobre ela pairava pela imposição europeia sobre a nativa, o autor ressalta a necessidade da “reconquista dos valores perdidos” (p. 20), seguindo as propostas de Senghor sintetizadas por este poeta do Senegal nas seguintes questões: “Porque não unir as nossas duas claridades a fim de suprimir todas as sombras? Ou, para empregar uma imagem familiar, porque razão, cultivando o nosso jardim, não enxertar o rebento europeu sobre o nosso rebento selvagem?” (p. 20). No entanto, como o Mário Pinto de Andrade afirma, essa síntese de culturas estava ainda

longe de se concretizar e era necessário, inicialmente, conquistar uma “personalização” (p. 20) que passa pelo redescobrir dos valores, cultura, literatura, para que o africano pudesse “gritar a sua presença no mundo” (p. 20). Recusando para o seu caderno a designação de “racismo” e a ação dos entendidos em poesia que valorizam apenas os aspetos formais, o organizador destina o seu trabalho àqueles que “compreendendo a hora presente de formação dum novo humanismo à escola universal, entendem que os negros exercitam também os seus timbres particulares para cantar na grande sinfonia humana” (p. 3).

Destaca, assim, o poeta Francisco José Tenreiro como a primeira voz a expressar a sua “negritude” ou “africanidade” com o livro *Ilha de Nome Santo* (1942), onde se dá o encontro “dos temas da sua terra de origem (S. Tomé) e ainda como exaltação do homem negro de todo o mundo” (p. 2). Deste poeta incluiu-se o poema “Coração em África”, longo texto de nomeação dos efeitos do colonialismo, da realidade da Negritude pelo mundo, da continuação da esperança numa mudança da realidade. No mesmo sentido, valoriza as posturas poéticas dos outros poetas antologados: da santomense Alda do Espírito Santo (aqui representada com o poema “Lá no Água Grande”, em que se descreve o trabalho das “negritas” apegadas às tradições da sua terra); da moçambicana Noémia de Sousa (a “Magaíça”, o primeiro poema escolhido, onde se retoma o tema do africano explorado pelo trabalho excessivo em benefício do colonizador, neste caso do negro que vai para África do Sul e que regressa já sem “a trouxa de sonhos” (p. 13), segue-se “Deixa passar o meu povo”, um poema que, à semelhança do citado de Francisco José Tenreiro, se abre à comunhão com os grandes nomes das culturas africanas do mundo, numa confluência de sentimentos e numa compreensão mútua fundada em situações de vida comuns); dos angolanos Agostinho Neto (com os poemas “Aspiração” e “Criar”, textos em que se expressa o “Desejo/transformando em força/inspirando as consciências desesperadas” (p. 7) contra a insegurança, a violência, a dominação); António Jacinto (de que se selecionou “Monangamba”, um poema que denuncia de forma direta a exploração colonial, o trabalho do

contratado: “Quem dá dinheiro para o patrão comprar/ máquinas, carros, senhoras/ e cabeças de pretos para os motores?” (p. 9), terminando com o desejo de esquecer tudo); e Viriato da Cruz (o poema “Mãe Negra” encerra, aliás, o conjunto de poemas, retomando a mesma abertura ao mundo de Noémia de Sousa e Francisco José Tenreiro, focando-se, no entanto, na esperança de que a “Mãe”, representação do continente, possa um dia assistir ao “DIA DA HUMANIDADE” anunciado e desejado).

Este carácter de abertura a outros povos e realidades presente em alguns dos poemas selecionados encontra-se, não só na convocação de poetas de quatro dos cinco países africanos de língua portuguesa (Cabo Verde era entendido como não tendo, propriamente, uma literatura negra, de matriz regional fruto de uma aculturação crioula de outra índole), mas também na inclusão do cubano Nicolas Guillén, a quem o caderno é dedicado por ser “a voz mais alta da negritude de expressão hispano-americana” (p. 4) e cujo poema selecionado, “Son Numero 6”, é um convite à igualdade e fraternidade “Estamos juntos desde muy lejos,/jóvenes, viejos,/negros y blancos, todo mezclado” (p. 5).

O caderno termina com uma nota de Francisco José Tenreiro que assinala as dificuldades da organização, pois, no entender dos organizadores, poucos eram os poemas que estavam para além do “exótico ou do

turístico” (p. 18), poucos exprimiam a negritude, reconhecendo-se, portanto, a juventude desta poesia marcada já pela “atitude consciente de conjunto” (p. 18) que une os poetas, mesmo com as observáveis e necessárias diferenças entre si.

Esta edição fac-similada apresentada pela Nóssomos, editora dirigida por José Luandino Vieira que se tem dedicado a publicar a poesia angolana de língua portuguesa, permite, hoje, seis décadas depois, homenagear e celebrar uma das publicações e alguns dos nomes de vanguarda mais importantes da formação das literaturas africanas de língua portuguesa, pelas propostas apresentadas e pela divulgação de poetas que ficaram já nos cânones dos respetivos países. Se lido em conjunto com a *Antologia Negra de Expressão Portuguesa*, de 1958, este caderno é também uma razão acrescida para o repensar dos condicionalismos da evolução literária em África, agora que o tempo permite uma visão mais distanciada quer sobre as posições teóricas defendidas, quer sobre a sua concretização em textos poéticos.

TIAGO AIRES
CLEPUL

Recebido: 20 de junho de 2013
Aprovado: 21 de julho de 2013
Contato: taires@iol.pt